

IGUALDADE DE GÉNERO

Luta com conquistas e desafios pela frente

EVELINA MUCHANGA

CELEBROU-SE, quarta-feira, o Dia Internacional da Mulher, em homenagem àquelas que deram a sua vida pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no trabalho.

FOTOS DE U. MATULA



É trabalhando que as mulheres alimentam as suas famílias

Esta luta trouxe resultados em todo o mundo, incluindo em Moçambique, onde mulheres se orgulham por estarem representadas em quase todas as esferas de actividade. A nível dos governos locais e no Parlamento, por exemplo, 38 por cento são mulheres, o que coloca o país num dos lugares cimeiros

na região da SADC, no que diz respeito à igualdade de género na governação.

Para esta edição, trazemos exemplo de algumas mulheres

que se dedicam para o bem-estar de outras e para o desenvolvimento da família e do país, em geral, envolvendo-se em algumas actividades na comunidade.

Encontrámo-las ontem no decorrer de uma capacitação sobre casamentos prematuros e

direitos sexuais e reprodutivos, acto que teve lugar no distrito de Boane, província de Maputo.

Para as nossas entrevistadas, as mulheres estão a conquistar espaço na sociedade, no trabalho, mesmo naquelas profissões que tradicionalmente eram consi-

deradas somente para homens. Contudo, entendem que ainda há muito por se fazer para garantir que homens e mulheres tenham igualdade de oportunidades em todas as esferas da vida.

Uma das questões está relacionada com o poder entre homens e mulheres que estão enraizadas na cultura, o que torna a abordagem da igualdade de género um desafio.

"Há muitas conquistas alcançadas, mas o desafio ainda é maior. Há ainda muito trabalho para a mudança de atitude, comportamento e maneira de ser e estar. Por isso, precisamos de lutar muito mais se quisermos proteger o futuro do nosso país e dos jovens", considera a activista social Alice Banze.

Banze apontou que Moçambique precisa de trabalhar ainda mais no combate aos casamentos prematuros, na promoção da saúde sexual e reprodutiva, na educação, empoderamento económico da mulher e na luta contra a violência baseada no género, HIV/Sida e a pobreza. "Estas são as áreas-chave que podem contribuir para o alcance da igualdade de género e de um mundo livre de todas as formas de violência contra a mulher e a rapariga na sociedade", sublinhou.

ANA Mfumo é líder comunitária. Recebe quase sempre problemas de vária ordem na comunidade onde vive.

A maior parte dos problemas que lhe chegam resultam da violência perpetrada na família.

"É o homem que violenta a mulher. É a mulher que agride verbalmente o seu esposo", referiu a fonte. Contou que muitos dos casos que culminam em violência têm como origem as relações extraconjugais, sobretudo por parte do homem.

"As mulheres queixam-se de que os seus maridos têm amantes, não as respeitam, enfim já não cuidam da família. Como resposta, elas deixam de cumprir, também, como as suas obrigações conjugais. Como resultado, entram em conflito", resumiu.

Para contornar esta situação, Ana Mfumo revelou que os casais em conflito são convocados para uma reunião comunitária onde são aconselhados a mudar de postura.

"Aconselho a mulher a não seguir o marido, por mais que ele volte tarde à casa. Tem que manter a calma, continuar a cuidar do marido e na menor possibilidade possível lhe chamar à razão do erro que ele comete e o quão prejudica a família.

Ao homem, explicamos as desvantagens das relações extraconjugais, no risco de contaminação de doenças de transmissão sexual e da dispersão dos recursos da família".



Ana Mfumo

No combate à criminalidade

HÁ mais de seis anos que Ilda José Canda trabalha no combate à criminalidade. Ela é polícia alocada ao Gabinete de Atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência. Já atendeu a diversos casos de violência doméstica, o que lhe ajuda a entender alguns factores que têm contribuído para o surgimento de actos de violência no seio familiar.

Avançou que o relaxamento por parte

Perante esta situação, Ilda José Canda vê-se obrigada a não se limitar em encaminhar a vítima à unidade sanitária em caso de violência física ou sexual, abrir o processo e remeter ao tribunal, mas também a agir como activista, sensibilizando os casais a reinventarem-se, a mudarem de comportamento.

CUIDA DA SEXUALIDADE

profissionais. Há dez anos trabalha na maternidade e ajuda as mulheres a trazer os seus bebés ao mundo, a prevenir complicações de gravidez estimulando a adesão à consulta pré-natal e planeamento familiar.

"Intervimos para prevenir mortes por complicações obstétricas e neonatais. Este é o nosso desafio", referiu.

A intervenção da Eugénia Libilo

teste de HIV, e sempre que tiver alguma dúvida no tocante à sexualidade recorrer a estes serviços para aconselhamento ou conversar com os pais.

A PROFESSORA ACTIVISTA

Glória António Libilo é professora há

Digo-lhe que se engravidar em tenra idade, ela é que vai perder as aulas e não o homem ou rapaz que a engravidou. Quem vai abandonar a escola é ela, o que só complicará a sua vida. Digo que o melhor é adiar as relações sexuais, se não estiver preparada para prevenir a gravidez precoce", disse.

Estas conversas que esta professora



Ana Paula do Rosário

CELEBROU-SE, quarta-feira, o Dia Internacional da Mulher, em homenagem àquelas que deram a sua vida pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no trabalho.

FOTOS DE U.MATULA



É trabalhando que as mulheres alimentam às suas famílias

Esta luta trouxe resultados em todo o mundo, incluindo em Moçambique, onde mulheres se orgulham por estarem representadas em quase todas as esferas de actividade. A nível dos governos locais e no Parlamento, por exemplo, 38 por cento são mulheres, o que coloca o país num dos lugares cimeiros

na região da SADC, no que diz respeito à igualdade de género na governação.

Para esta edição, trazemos exemplo de algumas mulheres

que se dedicam para o bem-estar de outras e para o desenvolvimento da família e do país, em geral, envolvendo-se em algumas actividades na comunidade.

Encontrámo-las ontem no decorrer de uma capacitação sobre casamentos prematuros e

direitos sexuais e reprodutivos, acto que teve lugar no distrito de Boane, província de Maputo.

Para as nossas entrevistadas, as mulheres estão a conquistar espaço na sociedade, no trabalho, mesmo naquelas profissões que tradicionalmente eram consi-

deradas somente para homens. Contudo, entendem que ainda há muito por se fazer para garantir que homens e mulheres tenham igualdade de oportunidades em todas as esferas da vida.

Uma das questões está relacionada com o poder entre homens e mulheres que estão enraizadas na cultura, o que torna a abordagem da igualdade de género um desafio.

"Há muitas conquistas alcançadas, mas o desafio ainda é maior. Há ainda muito trabalho para a mudança de atitude, comportamento e maneira de ser e estar. Por isso, precisamos de lutar muito mais se quisermos proteger o futuro do nosso país e dos jovens", considera a activista social Alice Banze.

Banze apontou que Moçambique precisa de trabalhar ainda mais no combate aos casamentos prematuros, na promoção da saúde sexual e reprodutiva, na educação, empoderamento económico da mulher e na luta contra a violência baseada no género, HIV/Sida e a pobreza. "Estas são as áreas-chave que podem contribuir para o alcance da igualdade de género e de um mundo livre de todas as formas de violência contra a mulher e a rapariga na sociedade", sublinhou.

onde vive. A maior parte dos problemas que lhe chegam resultam da violência perpetrada na família.

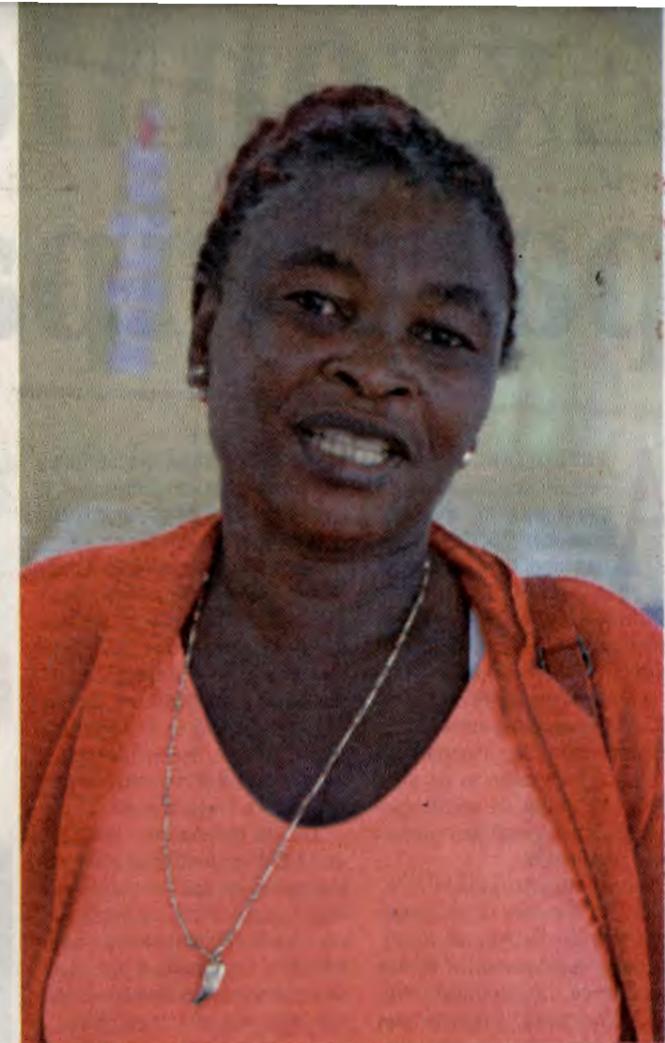
"É o homem que violenta a mulher. É a mulher que agride verbalmente o seu esposo", referiu a fonte. Contou que muitos dos casos que culminam em violência têm como origem as relações extraconjugais, sobretudo por parte do homem.

"As mulheres queixam-se de que os seus maridos têm amantes, não as respeitam, enfim já não cuidam da família. Como resposta, elas deixam de cumprir, também, como as suas obrigações conjugais. Como resultado, entram em conflito", resumiu.

Para contornar esta situação, Ana Mfumo revelou que os casais em conflito são convocados para uma reunião comunitária onde são aconselhados a mudar de postura.

"Aconselho a mulher a não seguir o marido, por mais que ele volte tarde à casa. Tem que manter a calma, continuar a cuidar do marido e na menor possibilidade possível lhe chamar à razão do erro que ele comete e o quanto prejudica a família.

Ao homem, explicamos as desvantagens das relações extraconjugais, no risco de contaminação de doenças de transmissão sexual e da dispersão dos recursos da família".



Ana Mfumo



Ana Paula do Rosário

Habilita mulheres

ANA Paula do Rosário dedica o seu tempo na educação sexual da rapariga e rapazes. Junta-se a outros grupos sociais para garantir que meninas grávidas não abandonem a escola. Ela é secretária distrital da Organização da Mulher Moçambicana em Boane.

Explicou que mulheres adultas têm muito conhecimento sobre a sexualidade, mas poucas transmitem essa informação, embora se saiba que a transmissão de alguns valores não depende da escola, mas sim da família.

"Temos grupos de activistas que promovem debates entre mulheres nas comunidades onde elas transmitem as suas experiências. De forma espontânea cada mulher aprende uma da outra sobre como fazer chegar essa informação aos filhas ou filhas", disse.

Para Ana Paula, o maior desafio é de se garantir que cada família consiga algum tempo para dialogar com as raparigas e rapazes para se evitar situações de gravidezes precoces e indesejadas.

No combate à criminalidade

HÁ mais de seis anos que Ilda José Canda trabalha no combate à criminalidade. Ela é polícia atribuída ao Gabinete de Atendimento à Família e Actores Vítimas de Violência. Já atendeu a diversos casos de violência doméstica, o que lhe ajuda a entender alguns factores que têm contribuído para o surgimento de actos de violência no seio familiar.

Avançou que o relaxamento por parte dos casais, anos depois de se juntarem, constitui um dos pontos de conflito. "O homem queixa-se de que a mulher já não se dedica a ele. A mulher, por sua vez, queixa-se de que o marido já não lhe dá atenção, despreza-a", referiu.

Perante esta situação, Ilda José Canda vê-se obrigada a não se limitar em encaminhar a vítima à unidade sanitária em caso de violência física ou sexual, abrir o processo e remeter ao tribunal, mas também a agir como activista, sensibilizando os casais a reinventarem-se, a mudarem de comportamento.

CUIDA DA SEXUALIDADE DA MULHER

QUANDO a mulher atinge a puberdade, há quem acompanha a sua sexualidade. A enfermeira de saúde materno-infantil, Eugénia Júlio, é uma dessas

profissionais. Há dez anos trabalha na maternidade e ajuda as mulheres a trazer os seus bebés ao mundo, a prevenir complicações de gravidez estimulando a adesão à consulta pré-natal e planeamento familiar.

"Intervimos para prevenir mortes por complicações obstétricas e neonatais. Este é o nosso desafio", referiu.

A intervenção de Eugénia Júlio estende-se ao Serviço Amigo do Adolescente e Jovens (SAAJ). É aqui onde interage com os mais novos, estimulando-os a tomar atitudes correctas que não coloquem em causa a sua saúde. Evitar sexo desprotegido, apostar na abstinência, fazer o

teste de HIV, e sempre que tiver alguma dúvida no tocante à sexualidade recorrer a estes serviços para aconselhamento ou conversar com os pais.

A PROFESSORA ACTIVISTA

Glória António Libilo é professora há 21 anos. Para além de ensinar a leitura e escrita, ela dedica-se à educação sexual da rapariga para evitar que esta engravide em tenra idade, abandone a escola colocando em causa o seu futuro.

"Faço perceber à menina sobre as desvantagens da gravidez precoce.

Digo-lhe que se engravidar em tenra idade, ela é que vai perder as aulas e não o homem ou rapaz que a engravidou. Quem vai abandonar a escola é ela, o que só complicará a sua vida. Digo que o melhor é adiar as relações sexuais, se não estiver preparada para prevenir a gravidez precoce", disse.

Estas conversas que esta professora tem tido com as alunas da sua escola têm tido resultados positivos, pois, como referiu, já são poucas as raparigas que aparecem grávidas na escola.

"Antes era comum ver raparigas da 7.ª, até as da 5.ª classe, grávidas, mas ultimamente é raro".